

vel e extraordinária de toda a história — a parte que representará o maior obstáculo para muitas pessoas que estariam dispostos a aceitar as provas da encarnação anterior da Sra. Smith. Escreveu ela ao Dr. Guirdham:

Acho que eu vivia nas cercanias de Toulouse, ou talvez em Toulouse mesmo, quando o senhor veio pela primeira vez à minha casa, em meio àquela tempestade de neve. Constituíamos uma família bem pobre, mas o senhor pertencia à nobreza. Foi então que me apaixonei pelo senhor, e meu pai me proibiu de encontrá-lo novamente — o senhor não era da nossa classe e, mais importante para ele, não comungava de nossa fé. Éramos católicos romanos. Recusei-me a me separar do senhor e por fim me excomungaram. Fui viver com o senhor. Não éramos casados. O senhor que disse que se algo lhe acontecesse, eu deveria procurar Fabrisa (. . .)

Ao se ler o texto acima, o primeiro pensamento que vem à mente é que a Sra. Smith desenvolvera a costumeira fixação da paciente no médico, e de alguma forma convenceu o Dr. Guirdham de que se haviam amado no século XIII. Em verdade, tal idéia não se sustenta. Guirdham atirou-se à pesquisa histórica, para aferir até que ponto a história da Sra. Smith resistiria à análise. E a história era toda verdadeira! Lembremo-nos de que embora a Sra. Smith viesse sonhando e tendo “visões” ocasionais desde a adolescência, ela não fazia qualquer relação com os cátaros. Seu primeiro encontro com o Dr. Guirdham, e o imediato reconhecimento dele como “Roger”, o amante de suas “visões”, foi praticamente o primeiro sinal de que aquilo tudo não representava uma brincadeira estranha de seu inconsciente (ela tivera uma sensação de *déjà vu* nos Pireneus, como já se disse). Quando um dia ele a visitou durante uma tempestade de neve, para marcar uma consulta no hospital, a memória de seu primeiro encontro com Roger — também numa tempestade de neve — voltou-lhe à mente. A perseguição dos cátaros de Toulouse foi um evento relativamente pequeno e bem localizado, e ainda existem registros da Inquisição a respeito. Apareciam diversos nomes nos sonhos da Sra. Smith — Fabrisa, Roger, Alais, Pierre de Mazerolles —, e o Professor René Nelli (uma das maiores autoridades sobre o período) afirmou que talvez pudessem encontrar alguma coisa sobre eles nos registros. Os sonhos da mulher eram cheios de detalhes acerca do período: os poemas declamados por Roger, a planta do hall do castelo, as cerimônias e rituais da religião dos cátaros, o que comiam e bebiam e o tipo de utensílios que usavam à mesa. A tarefa do Dr. Guirdham, com o auxílio do Prof. Nelli e de Jean Duvernoy (outra eminente autoridade), era conferir o máximo possível de dados. E à medida que prosseguiam as investigações, ele se impressionava cada vez mais com o que denomina “precisão fantástica” das memórias da Sra. Smith. Ela afirmava que uma vez, quando Roger adoeceu, deram-lhe açúcar para comer, e o Dr. Guirdham achava difícil aceitar isso. Mas as pesquisas do Professor Nelli reve-

laram que já existia açúcar na época, embora se tratasse ainda de algo um tanto raro. (A Sra. Smith dizia que o açúcar era guardado em lugar fechado.) Guirdham descobriu que essa substância era considerada medicamento. E mais uma vez a Sra. Smith mencionou a catedral de St. Etienne em Toulouse. O médico, que já estivera lá, convenceu-se de que era um engano, pois a catedral na realidade se chamava St. Sermin (que é o nome de uma igreja de Toulouse). Foi só quando empreendia a revisão de seu livro, e conferia alguns nomes num guia de viagens, que notou que mais uma vez ela tinha razão.

A história que aos poucos se formou é a seguinte. Roger Isarn era um sacerdote ou pregador cátaro que viajava muito pela área de Toulouse. Uma vez abrigou-se de uma tempestade de neve na casa de uma família católica, onde havia uma jovem que Guirdham chama de Puerilia. (Estranhamente, os sonhos da Sra. Smith não incluem seu nome real.) Ela se apaixonou por Roger, e depois passou a freqüentar reuniões dos cátaros em que ele estava presente. Tornaram-se amantes. Quando seu pai descobriu, espancou-a e expulsou-a de casa. Ela foi para a casa de Roger e passou a viver com ele. Mas Roger viajava muito e com freqüência ficava doente. (O Dr. Guirdham acha que pelos sintomas devia ser tuberculose.) Em 1242 apareceram na região dois inquisidores à procura de hereges. Pierre de Mazerolles, parente distante de Roger, planejou matá-los. Os inquisidores e sua comitiva se hospedaram em casa de um certo Raymond D'Alfar, que mandou avisar Mazerolles. Os dois inquisidores foram mortos na casa de Alfar, e mataram-nos para se apossarem de uma lista de hereges, membros de respeitadas famílias do lugar. A Sra. Smith sonhou que Pierre de Mazerolles entrava no quarto em que ela dormia, vangloriando-se do crime, e lembrou-se do horror de Roger. Foi violenta a reação católica ao assassinato. Roger estava entre os que foram presos e interrogados. A prisão arruinou-lhe a saúde, já delicada, e ele morreu. Puerilia ficou tão abalada com a notícia que tentou o suicídio pela fome (um dos métodos preferidos pelos cátaros). Seguiu-se uma luta amarga entre cátaros e católicos — toda ela, como o assassinato dos inquisidores por Pierre Mazerolles, motivo de registro para a História. Os cátaros, Puerilia entre eles, ficaram presos na catedral de St. Etienne, à espera do interrogatório. Por fim, Puerilia morreu na fogueira, e a descrição que a Sra. Smith faz do seu sonho é particularmente pungente: “Eu não sabia que, queimada, eu sangraria. Pensava que o sangue secasse todo pelo calor terrível. Mas sangrei muito. O sangue gotejava e sibilava nas chamas. Meu desejo era que tivesse sangue o bastante para apagar o fogo. A parte pior foi a dos olhos (. . .) Tentei cerrar as pálpebras mas não consegui. Acho que já estavam consumidas pelo fogo (. . .)”

Não surpreende que o trauma dessas experiências tenha atravessado sete séculos. Quanto à “coincidência” de Guirdham ter sido Roger-Isarn d'Arborens, só podemos aceitá-la — como as outras coincidências registradas no livro — como integrante da intensa atividade espiritual. Guirdham afirma que “numa carta (. . .) ela fizera uma citação de um erudito medieval e me perguntara se eu poderia ajudá-la a localizá-lo. Não tive condições. Pouco antes